

O CARNAVAL DE NATAL (RN): ESPAÇOS DE TRANSFORMAÇÃO NO TEMPO DA FOLIA

Alessandro Dozena¹⁶⁶

Valdemiro Severiano Filho¹⁶⁷

Artigo recebido em: 01/06/2016

Artigo aceito em: 16/07/2016

Resumo:

O carnaval é uma importante prática festiva que guarda, em seu cerne, múltiplos planos. Em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, é possível encontrar uma variedade de manifestações carnavalescas. No presente artigo, realizamos um escorço histórico a partir da institucionalização do carnaval natalense na década de 1930 até o momento atual; buscando contribuir com o entendimento da dinâmica social relacionada à festividade e focar as relações de poder nela estabelecida. Para tanto, realizou-se o levantamento bibliográfico, a leitura e contextualização com a

¹⁶⁶ Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1811716812760920>. sandozena@ufrnet.br

¹⁶⁷ Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bacharel em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor Assistente da Universidade Fal Estácio. Membro do Grupo de Estudos sobre Cultura Popular/UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1738674446427856>. mirofilho82@yahoo.com.br

bibliografia relacionada ao tema, a identificação das transformações no carnaval natalense, além de entrevistas com carnavalescos locais.

Palavras-chave: Carnaval – Natal – Institucionalização – Transformação.

Résumé

Le Carnaval est une pratique importante qui garde à sa base, plusieurs plans. À Natal, capitale de l'Etat du Rio Grande do Norte, on peut trouver une variété d'événements carnavalesques. Dans cet article, nous avons effectué un rapprochement historique sur l'institutionnalisation du carnaval natalense dans les années 1930 jusqu'à le moment présent; cherchant contribuer à la compréhension des dynamiques sociales liées à la fête en mettant l'accent sur les relations de pouvoir établies. Ainsi, a été réalisée l'enquête bibliographique, la lecture et mise en contexte avec la bibliographie sur le thème, l'identification des transformations dans le carnaval natalense, en plus des interviews avec des personnes impliquées avec le carnaval local.

Mots-clés: Carnaval – Natal – Institutionnalisation – Transformation.

* * *

Introdução

Assim como em outras cidades do país, a cidade de Natal, situada no estado do Rio Grande do Norte, festeja o momo desde as práticas entrudísticas no século XIX. No presente artigo, propomos compreender as transformações manifestas no carnaval natalense, no período compreendido entre a década de 1930, momento em que ocorreu a institucionalização do carnaval na cidade, passando pela década de

1980, quando foi inserido o “modelo baiano”¹⁶⁸ evidenciado pelos trios elétricos¹⁶⁹; chegando até momento atual.

Alguns estudiosos do carnaval entendem que se processam regras de inversão e uma possibilidade utópica de troca de posições na estrutura social (DAMATTA, 1986), cujos regramentos sociais e morais são momentaneamente suspensos. No entanto, ao invés de ser um reino de excessos e subversões simples e puras, que negam o cotidiano, o carnaval reproduz a vida societária com as suas desigualdades:

A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um “mundo ao revés”. É preciso assinalar, contudo, que a paródia carnavalesca está muito distante da paródia moderna puramente negativa e formal; com efeito, mesmo negando, aquela ressuscita e renova ao mesmo tempo. A negação pura e simples é quase sempre alheia à cultura popular (BAKHTIN, 2010, p. 10).

É certo que muitos aproveitam este momento “para revelar seus desejos ocultos, acertar contas com os vizinhos, ridicularizar os inimigos, [...] e todas essas coisas que fazemos quando perdemos o controle e a censura da vida diária” (FERREIRA, 2004, p. 28), mas não podemos idealizar a época momesca em seu caráter subversivo. Segundo Peter Burke (1989), o carnaval na Idade Média se opunha à vida cotidiana, por se tratar de uma representação de mundo de cabeça para baixo, que agrupava rituais de inversão (BURKE, 1989)¹⁷⁰.

¹⁶⁸ Entende-se por “modelo baiano” o carnaval de trios elétricos que tem na cidade de Salvador o seu principal centro produtor deste modo de festejar. Tal “modelo” foi ganhando espaço em outras cidades e, como veremos, chegou a Natal em meados da década de 1980.

¹⁶⁹ O trio elétrico “pode ser visto também como uma variação do antigo carro alegórico. [...] chama-se elétrico porque os componentes básicos que executam a música, o fazem de maneira ligeira. [...] Logicamente, na medida em que os trios elétricos são motorizados, eles podem circular através de uma forma muito mais rápida pela cidade e assim arrastar atrás de si multidões imensas” (SEBE, 1986, p. 83).

¹⁷⁰ Segundo Maria Clementina Pereira Cunha (2002), a festa, “dita assim no singular, foi frequentemente tomada por historiadores como um tipo de ocasião dotado de funções e formas comuns em qualquer sociedade – eternos rituais de inversão, momentos universais de suspensão de conflitos e regras, ou de fusão das diferenças em uma única torrente burlesca, ou satírica, cujas mudanças só podiam ser observadas na longuíssima duração” (CUNHA, 2002, p. 11).

O comportamento desigual das práticas festivas é mascarado e satirizado na própria existência de indivíduos e grupos que pervertem a estrutura formal da sociedade no período momesco, mas, ao mesmo tempo, emitem discursos paródicos que revelam as diferenças sociais.

Sem adotar uma postura conduzida por um “determinismo carnavalesco temporal”, o que aqui nos interessa é a compreensão de que a história do carnaval natalense sempre esteve demarcada por relações de poder singulares. O carnaval, enquanto manifestação cultural, ou seja, encontrando-se no plano da cultura, deve, portanto, ser analisado a partir das “redes de práticas e significados pelas quais as relações e os conflitos se efetuam e expressam sua particularidade” (CUNHA, 2002, p. 13)¹⁷¹.

A institucionalização e consolidação do carnaval natalense

Na década de 1930 o então Presidente Getúlio Vargas instituiu um “plano modernizador” que almejava conduzir o país a uma homogeneização cultural, sendo que o carnaval participou deste plano político do Governo Federal, atrelando a festividade nacional ao “samba carioca” e desconsiderando as culturas particulares que identificavam as diferentes regiões. Esta tentativa de criar uma identidade nacional ecoou por todo o país, fazendo parte dos debates de intelectuais, em um momento em que alguns compartilharam da postura governamental e outros, como o folclorista e historiador Câmara Cascudo, reprimiram a conduta de elaboração de uma identidade nacional.

¹⁷¹ É importante a observação da historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, ao asseverar que “ao escrever, todos olhamos para as festas em busca de sujeitos, das tensões, da constituição de relações e das formas pelas quais, nestas ocasiões privilegiadas em que se costuma encenar um risonho congraçamento, processa-se um diálogo social tenso e intenso” (CUNHA, 2002, p.17).

Para José Carlos Sebe (1986), o Rio de Janeiro, enquanto capital do país, teve um papel fundamental para a vida do brasileiro: “O Rio era o modelo mais importante [...] para as manifestações nacionais e atuava como matriz ou padrão cultural comumente referenciado” (SEBE, 1986, p. 54).

Conforme apontado pela historiadora Flávia de Sá Pedreira (2004), este “modelo” de carnaval carioca “recuperava uma imagem já bastante conhecida anteriormente, a do carioca enquanto exemplo do ‘carnavalesco autêntico’, estabelecendo-se como o ideal da maior festa popular brasileira o exemplo das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro” (PEDREIRA, 2004, p.66). Nas cidades brasileiras, esse projeto “modernizante” e homogeneizador sofreu resistências locais diante da continuidade das manifestações regionais, como o frevo pernambucano, as marchinhas e outras regionalidades do Nordeste brasileiro. Todavia, nada impediu que as escolas de samba fossem difundidas para as outras cidades brasileiras, conforme podemos vislumbrar na presença atual dessa manifestação carnavalesca em quase todo o Brasil.

A historiadora Rachel Soihet (2008) afirma que o noticiário carioca passou a destinar um maior espaço às escolas de samba que surgiram no Rio de Janeiro nos fins da década de 1920¹⁷², e que as crônicas buscavam interpretar esta manifestação carnavalesca identificando-a como raiz da nacionalidade, com influência do modernismo (SOIHET, 2008)¹⁷³. Ainda de acordo com a historiadora, a conjuntura pós-Revolução de 1930 favoreceu a comunicação entre o proletariado urbano e as elites que aspiravam ao poder:

O carnaval, a maior das festas populares, é o foco de inúmeras atenções. Nele destacam-se as escolas de samba, ponto alto da cultura popular, num Estado que, embora estabelecesse a hegemonia burguesa sobre o conjunto

¹⁷² De acordo com Soihet (2008), “da reunião desses blocos surgiram, em fins da década de 1920 e início de 1930, as escolas de samba” (SOIHET, 2008, p.164).

¹⁷³ O malandro do morro carioca é heroicizado, sendo o responsável pelo samba e pela alegria da festa de momo (SOIHET, 2008).

da sociedade, precisava legitimá-la, o que se faria através da parte majoritária desse conjunto, indistintamente, chamada de “povo” (SOIHET, 2008, p. 190).

Por um lado, os grupos dominantes apoiam as manifestações da cultura popular e, por outro, as classes menos abastadas, antes menosprezadas e subjugadas em suas formas de festejar, conseguem oportunidades de reconhecimento e participam do momento festivo juntamente com as elites abastadas. Esta tentativa de criar uma identidade nacional¹⁷⁴ a partir das escolas de samba e do carnaval ecoou pelo país, passando a fazer parte dos debates de intelectuais¹⁷⁵. Burke (1989), em importante observação sobre o carnaval e as relações entre dominantes e dominados, numa reflexão que pode ser aplicada ao carnaval brasileiro, aduz:

Por que as classes altas o permitiam? É como se elas tivessem consciência de que a sociedade em que viviam, com todas as suas desigualdades de riqueza, *status* e poder, não pudesse sobreviver sem uma válvula de segurança, um meio para que os subordinados purgassem seus ressentimentos e compensassem suas frustrações (BURKE, 1989, p. 225).

Esta “chegada” das escolas de samba e dos desfiles carnavalescos foi acompanhada pelo Estado que, com a Revolução de 1930, “passou a intervir nos diversos setores da vida do país, inclusive no terreno social e cultural, sistematizando-se o financiamento do carnaval” (SOIHET, 2008, p.186). Conforme Soihet (2008), os desfiles na então capital federal se iniciaram em 1935, cuja organização ficou na incumbência do Departamento de Turismo do Distrito Federal¹⁷⁶. Foi

¹⁷⁴ Conforme Stuart Hall (2003), a cultura nacional – discurso produtor de sentidos com os quais nos identificamos e construímos nossa identidade – da sociedade moderna é uma das principais fontes da identidade cultural. Tais identidades nacionais são formadas e transformadas no interior das representações, buscando unificar etnias e classes; e a nação, neste contexto, emerge como um sistema de representação cultural – comunidade simbólica, fonte e geradora de um sentimento de identidade e lealdade.

¹⁷⁵ Pedreira (2004) traz este debate entre “regionalistas” e “modernistas”, citando vários intelectuais, entre eles: Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre.

¹⁷⁶ De acordo com Soihet (2008), também foram criados Departamentos de Turismo em outros estados brasileiros.

institucionalizado, pois, o modelo carioca de carnaval: desfile de escolas de samba, subvencionado pelo Estado, nos moldes de um campeonato.

O grande salto no sentido da institucionalização das escolas de samba foi dado em 1935, quando todas foram obrigadas a se registrar oficialmente debaixo da sigla GRES (Grêmio Recreativo Escola de Samba). Por esta época os ranchos e blocos estavam já em declínio e a praça Onze passava a ser o palco do grande espetáculo em que se transformava o carnaval carioca (SEBE, 1986, p. 71).

Segundo Sebe (1986), o “modelo carioca de escola de samba tem sido a matriz básica, reproduzida em diferentes quadrantes do país” (SEBE, 1986, p. 75). As escolas de samba passaram a “dominar” o carnaval do Rio de Janeiro, substituindo os antigos ranchos (EFEGÊ, 1982)¹⁷⁷.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1999) afirma que o sucesso destas agremiações carnavalescas não ficou circunscrito apenas na capital nacional, mas tiveram reprodução nas mais diversas cidades do país (QUEIROZ, 1999)¹⁷⁸. Pedreira (2004), no mesmo sentido, aponta que este “modelo” de carnaval carioca também adotado pelos estados da federação:

[...] recuperava uma imagem já bastante conhecida anteriormente, a do carioca enquanto exemplo do ‘carnavalesco autêntico’, estabelecendo-se como o ideal da maior festa popular brasileira o exemplo das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro (PEDREIRA, 2004, p. 66).

¹⁷⁷ No mesmo sentido assevera Leopoldi (1978): “A Escola de Samba, como manifestação carnavalesca, adquiriu projeção a partir dos anos 30 e progressivamente consolidou seu predomínio sobre outras expressões populares a ponto de se converter em símbolo identificador não só do ‘espírito’ carioca como também da imagem que se tem projetado do homem brasileiro” (LEOPOLDI, 1978, p. 12).

¹⁷⁸ Importante o alerta da socióloga Queiroz (1999) de que a difusão das escolas de samba, embora demonstre a aceitação dos elementos afro-brasileiros, não significou “que tivesse havido o desaparecimento do preconceito étnico-social que no país sempre existira; a afirmação generalizada de que a ‘identidade brasileira’ só pode ser concebida como o resultado da mistura de elementos de três origens – a indígena, a europeia e a africana – constitui uma das contradições típicas do país” (QUEIROZ, 1999, p. 59).

Na mesma direção, Alessandro Dozena (2009) afirma que:

[...] paralelamente, em nível nacional, o samba carioca ganha força, impulsionado pela indústria do rádio e do disco que reforçava a cidade do Rio de Janeiro como o principal centro político e cultural do país [...] De certa forma, julgamos que a música popular realizada e praticada nesse momento no Rio de Janeiro, contribuiu para a invenção da identidade e da brasilidade no período do Estado Novo, pois estabeleceu símbolos nacionais a partir da apropriação de códigos e representações presentes na cultura popular brasileira (DOZENA, 2009, p.62).

Nas cidades brasileiras, esse projeto modernizador e homogeneizador sofreu resistência local diante da continuidade das manifestações regionais, como o frevo pernambucano e as marchinhas, todavia, nada impediu que as escolas de samba se difundissem, conforme podemos vislumbrar atualmente em muitas cidades brasileiras.

Pedreira (2004) coloca que em Natal “havia entre os diversos grupos organizadores dos festejos carnavalescos uma crescente preocupação em manter as especificidades potiguares” (PEDREIRA, 2004, p. 67) entre as quais, as marchas regionais e os bailes populares, tais como a *Casa do Caboclo*, evento realizado no Teatro Carlos Gomes¹⁷⁹ e os Papangús¹⁸⁰.

Os papangús foram sendo gradativamente segregados e marginalizados no carnaval, fato que já ocorria desde o início do século XX. Assemelhavam-se aos “mascarados” e “sujos” do carnaval carioca, no sentido de que “‘sujavam’ um sistema

¹⁷⁹ Segundo Pedreira (2004), o Teatro Carlos Gomes, atualmente Teatro Alberto Maranhão, era o palco da realização de “três grandes bailes populares, com o sugestivo nome de Casa do Caboclo, e marcaria uma tendência em divulgar as práticas festivas consideradas como tipicamente potiguares (PEDREIRA, 2004, p. 68). Na ocasião, participavam destes eventos a elite local.

¹⁸⁰ Os papangús se manifestavam em Natal como espécies de mascarados, cujo nome surgiu, provavelmente, de uma mistura folclórica afro-brasileira do “papa-angu”, em referência aos negros cativos que se alimentavam de angu e feijão. De acordo com Pedreira (2004), os papangús consistiam em “mascarados com roupas coloridas e maltrapilhas, que saíam espalhando grande algazarra pelas ruas, dando sustos nos transeuntes, principalmente no público infantil” (PEDREIRA, 2004, p. 68).

moral de classificação e ordenação carnavalesca onde os grupos sociais e as associações tinham lugar privilegiado” (GONÇALVES, 2007, p. 242)¹⁸¹.

Concordando com Queiroz (1999), as escolas de samba, não obstante constituírem-se como uma manifestação carnavalesca dominante, não era única no carnaval, coexistindo com outras inúmeras formas de festejar. Em Natal, blocos de elite, constituídos pelos grupos ricos, e tribos de índios, compostos pelos substratos pobres, são anteriores e coexistiram – e coexistem – com aquelas agremiações.

Com uma maior participação da população e a proliferação de blocos pela cidade, passamos a verificar um “diálogo” entre as classes e os segmentos sociais nos assaltos carnavalescos¹⁸², sendo constantes as visitas recíprocas de “blocos de elite” e grupos menos abastados¹⁸³. Assim sendo, a fragmentação econômico-social da cidade, em alguns momentos, cedia ao encontro, sugerindo a negociação entre os diferentes estratos sociais.

Após a institucionalização do carnaval em Natal, os blocos carnavalescos (sobretudo os “blocos de elite”), as tribos carnavalescas de índios e posteriormente as escolas de samba, passaram a coexistir nas festividades momescas, reelaborando estratégias e produzindo territorialidades.

¹⁸¹ Conforme Gonçalves (2007), os sujeitos “eram aqueles foliões que não filiados a grupo algum, se apresentavam nas ruas autonomamente, sem espaço, dia ou grupo predeterminado. Eram, dentro de uma classificação carnavalesca mais ampla, aqueles que não se adequavam ao sistema dos grupos, sejam ranchos, blocos, grandes sociedades ou escolas” (GONÇALVES, 2007, p. 242). Para Sebe (1986), eles “saíam às ruas com velhas fantasias e iam irreverentemente mexendo com a multidão e promovendo uma possível ‘inversão da ordem’, de maneira mais cômica e menos dominada. Esta era uma versão domada do antigo entrudo” (SEBE, 1986, p. 61-62).

¹⁸² “O ‘assalto’ consistia na entrada de determinados blocos nas casas para fazer uma grande farra, com banda de música, danças e brincadeiras diversas, ao final do que os proprietários teriam que oferecer bebidas e comidas a todos os presentes” (PEDREIRA, 2004, p. 53). Ainda conforme a historiadora, a denominação advém, provavelmente, de literais assaltos ocorridos no interior do estado norte-rio-grandense por grupos de cangaceiros, como os do bando de Lampião e Francisco Pereira.

¹⁸³ O jornal oficial da época passou a relatar os vários ‘assaltos’ carnavalescos, os quais foram intensificados a partir de 1937, como os realizados pelos blocos “Vira, vira, mulata!”, “Fuzileiros da folia”, “Ahi vem a Marinha!” e os “Guaranys”.

A oficialização do carnaval em Natal ocorreu em 1933, realizada pelo então interventor federal no estado, conforme ocorrera no Rio de Janeiro no ano anterior (PEDREIRA, 2005)¹⁸⁴. Nesse momento, algumas restrições das comemorações e o estabelecimento de regras e normas de conduta foram adotadas nos festejos momescos.

Uma das normatizações adotadas no carnaval de 1934 foi a proibição da inalação de éter, cuja reincidência causava a condução do indivíduo ao posto policial. Uma série de prescrições foi publicada naquele ano¹⁸⁵, entre as quais a proibição do entrudo e as alusões ofensivas às autoridades, aos particulares, aos bons costumes e à moral. Igualmente, foram realizadas determinações urbanísticas voltadas ao fluxo de pessoas e automóveis nos dias de momo, tais como a restrição ao estacionamento de veículos nas ruas em que se realizavam os préstitos.

Na época já existia a segregação da sociedade que “vinha às claras” no período carnavalesco: os ricos com o corso e os bailes e os pobres com suas troças e pequenos blocos. Não obstante os desfiles ocorressem no mesmo local, Pedreira (2005) afirma que havia uma nítida prevalência dos luxuosos carros da elite natalense, enquanto que os outros blocos percorriam as ruas periféricas. Os clubes sociais, por sua vez, ofereciam bailes carnavalescos que ficavam restritos aos ricos.

A Avenida Tavares de Lira, na época da *Belle Époque* natalense, era o centro da cidade, sediando os órgãos públicos e as instituições financeiras, concentrando as manifestações e as decisões políticas; o lugar de encontro de intelectuais, políticos,

¹⁸⁴ O primeiro desfile das escolas de samba no carnaval carioca ocorreu em 1932 e rapidamente cresceu a popularidade destas agremiações que se associaram e fundaram, em 1934, a União Geral das Escolas de Samba, para, a partir de 1935, passarem a receber subvenções do governo (CAVALCANTI, 1994). Conforme Goldwasser (1975), foi a oficialização do carnaval no Rio de Janeiro que condicionou as escolas de samba “a uma definição formal ao determinar a distribuição de subvenções e fixar os locais de Desfile segundo as modalidades de agremiação” (GOLDWASSER, 1975, p. 20).

¹⁸⁵ *A República* de 07.02.1934.

militares, advogados, banqueiros – isto é, a elite natalense –, era, também, no período carnavalesco, o local em que ocorria o desfile.

Após a oficialização e institucionalização do carnaval na cidade, o controle do Poder Público esteve imbuído pelo levante comunista de 1935. Sob a alegação da centralidade da Avenida Rio Branco, onde os grupos carnavalescos convergiriam facilmente, houve em 1936 a transferência da festa oficial para esta localidade¹⁸⁶. Não se sabe, porém, qual foi o real motivo para esta mudança: provavelmente o tiroteio ocorrido entre praças do Exército e da Guarda Civil¹⁸⁷.

A festividade natalense já se encontrava relacionada à Avenida Tavares de Lira, que constituía a base espacial por onde desfilavam os corsos e as demais agremiações. A mudança para outra localidade, no entanto, não mitigou a tradição dos festejos, já identificados territorialmente com o lugar, pois nos anos que se seguiram, a chegada do “Rei Momo” ocorria com uma “entrada triunfal” pelo Porto de Natal, movendo-se em um luxuoso corso pela Rua Tavares de Lira. No periódico de 25.02.1938, *A República* fez publicar a seguinte nota:

“[...] pretendendo dar o maior brilhantismo aos festejos carnavalescos deste anno, em cooperação com todos os foliões e blocos da cidade, no próximo sábado desembarcará no Caes Tavares de Lyra, o Marquez de ZÉ PEREIRA e seu secretario BARÃO DE ARLEQUIM. [...] O cortejo subirá pela avenida Junqueira Ayres, acompanhado de uma refinada orchestra de 50 professores em procura da Avenida Rio Branco, onde encontrará o início da batalha”¹⁸⁸.

¹⁸⁶ “Uma boa notícia temos a transmitir hoje aos foliões natalenses. O corso carnavalesco e as batalhas de confetti se realizarão este anno na Avenida Rio Branco, em vez da Avenida Tavares de Lyra. [...] A mudança satisfaz plenamente. Trata-se do ponto central da cidade, espaçoso, movimentado e para o qual convergirão com maior facilidade a população da capital e os vários grupos carnavalescos” (*A República* de 19.02.1936).

¹⁸⁷ O expediente de 07 de março de 1935 do jornal *A República* trouxe a seguinte notícia: “Ante hontem, pouco depois das 19 horas, estabeleceu-se sério conflito na avenida ‘Tavares de Lyra’, quando os festejos carnavalescos iam mais animados e maior era a aglomeração popular, entre praças do Exército e elementos da Guarda Civil [...] A polícia civil já instaurou o inquérito competente, afim de apurar a responsabilidade da deploráveo ocorrência de ante hontem”.

¹⁸⁸ *A República* de 25.02.1938.

O jornal *A República* pondera que a proliferação de blocos no carnaval natalense se deu em virtude desta mudança, causando entusiasmo nos foliões: “Depois que se soube dessa resolução estupenda do carnaval na Avenida Rio Branco, os ranchos se multiplicam todos os dias e o entusiasmo dos foliões sobe de temperatura”¹⁸⁹.

Observamos que estas agremiações carnavalescas traziam à população cidadina um importante momento de lazer e cultura, sobretudo na ocasião do desfile dos grupos carnavalescos. A disputa momesca tinha a participação de empresas, as quais premiavam as agremiações, tais como a Companhia Química Rodhia Brasileira, com a concessão da taça “Rodo Metálico”. Em 1937, os índios “Guaranys” a receberam pela melhor caracterização carnavalesca (instrumentos, dança e música)¹⁹⁰ e, no ano seguinte, a taça “Fisk” premiou este mesmo grupo pela originalidade do bloco¹⁹¹.

A participação de Natal na Segunda Grande Guerra não minguou o carnaval natalense, pelo contrário, contribuiu para a continuidade dos festejos, trazendo outros elementos para a cidade, como o samba e suas escolas, a partir da chegada dos militares cariocas destacados para as terras potiguares.

Aliado à chegada dos militares e seguindo a “modernização” da sociedade, a tecnologia espalhou-se pelo país, sendo introduzidas em Natal as emissoras de rádio. Tais objetos tecnológicos contribuíram para a disseminação de outros carnavais, principalmente o carioca e o recifense, intercambiando-os em meio aos festejos locais:

“Os rádios repetirão as marchas lá de fora, de outras terras, os sambas sacudidos de outros salões, e vamos escutar *Bronzeada, Pierrô Apaixonado, Manhãs de Sol, Quisera ‘a mala’, Palpite Infeliz, Chora Cavaquinho*, e tantos

¹⁸⁹ *A República* de 19.02.1936.

¹⁹⁰ *A República* de 11.02.1937.

¹⁹¹ *A República* de 03.03.1938.

outros. E enquanto pelo rádio sentimos a alegria de outras longes terras, pelo coração vamos alcançando as doidices da gente que é nossa”¹⁹².

Com o samba carioca enraizando-se na capital potiguar e a tentativa de homogeneizar o carnaval nos moldes da então Capital Federal, houve a preocupação, pelos natalenses, em manter as especificidades do carnaval local. O desfile das tribos de índios passou a ser um dos mais prestigiados, inclusive pelos militares norte-americanos no período da guerra. Em seu importante trabalho que revela os bastidores do carnaval natalense no período entre guerras, Pedreira (2005) nos lembra que:

As apresentações das tribos de índios no Carnaval natalense também atraíam a atenção dos visitantes, tanto que faziam convites para que elas se apresentassem até mesmo fora do período carnavalesco. Isso ocorreu, por exemplo, quando os americanos de *Parnamirim Field* chamaram os índios organizados por Augusto Brasil, um paraibano que teria sido o primeiro incentivador das tribos aqui na cidade, segundo informa seu filho Raimundo Nonato Brasil, para que fizessem uma espécie de filmagem com a participação de seus componentes, devidamente caracterizados junto aos soldados da base americana (PEDREIRA, 2005, p. 251).

Com a oficialização do carnaval, o Poder Público passou a auxiliar os festejos, como ocorrido no carnaval de 1944, quando o prefeito de Natal à época, José Augusto Varella, por meio da Federação Carnavalesca, na pessoa do Secretário Geral, Djalma Maranhão – mais conhecido como “Chico Folia” – convidou os blocos que se encontravam devidamente licenciados para o carnaval daquele ano à comparecerem ao órgão para receberem o auxílio financeiro concedido anualmente pela federação.

Nos anos 1950, subvencionados pela prefeitura de Natal, iniciaram-se as “batalhas carnavalescas”, incentivadas e acompanhadas – como membros da comissão julgadora – pelo diretor da Agência Natalense de Publicidade, Djalma Maranhão, e pelo prefeito da capital, Sílvio Pedroza. *A República* noticiou “duas

¹⁹² *A República* de 23.02.1936.

grandes batalhas carnavalescas no Alecrim”, que ocorreram na semana antecedente aos festejos carnavalescos, percorrendo as ruas Presidente Bandeira e Amaro Barreto, tendo sido entregues, aos vencedores, troféus oferecidos pela própria Prefeitura Municipal¹⁹³. As batalhas que antecediavam o carnaval continuaram pelas décadas de 1950 e 1960.

Além do bairro Alecrim, as batalhas carnavalescas ocorriam em outros bairros, como Rocas e Cidade Alta, sempre tendo a participação do prefeito da capital, da Federação Carnavalesca e dos Cronistas¹⁹⁴. O expediente de 17.01.1959 retratou bem essa multiplicidade festiva que ocorria em Natal, ao anunciar as “batalhas carnavalescas” da cidade:

“A Federação Carnavalesca está providenciando tudo para a maior animação das batalhas a ter lugar nos diversos bairros da capital. [...] Nos dias 24 e 25 na Vila Naval haverá o primeiro grito de carnaval de rua; nos dias 28, outra batalha nas Quintas; em 31, no Alecrim; dia 1, nas Rocas e dia 5, na Cidade Alta”¹⁹⁵.

Para Raimundo Brasil, presidente de um dos blocos precursores do carnaval de Natal - a tribo de índios Potiguares, o político Djalma Maranhão, primeiramente Secretário de Cultura e membro da Federação Carnavalesca e, posteriormente, Prefeito de Natal, entre as décadas de 1940 e 1960; contribuiu significativamente para a disseminação das manifestações culturais locais:

“Na época não faltava nada, aqui ele dava tudo, comprava roupa, dava roupa, tinha o boi-calemba, tinha chegança, fandango, tinha tudo. Era uma maravilha. [...] mataram Djalma Maranhão, acabou o folclore aqui de Natal. [...] Ainda tinha as rádios: a Nordeste e a Poti faziam a brincadeira de carnaval e convidavam a gente. [...] Tinha, naquele tempo, concurso de

¹⁹³ *A República* de 01.02.1950.

¹⁹⁴ A Federação Carnavalesca de Natal apoiava o carnaval, premiando as escolas de samba e promovendo concursos musicais, nos quais participavam os cronistas pertencentes ao jornal *A República*. De acordo com o pesquisador Gutemberg Costa, o primeiro carnaval em Natal foi datado pela imprensa em 1877, quando o jornal *A República* noticiou o Entrudo na cidade.

¹⁹⁵ *A República* de 17.01.1959.

passo, passista [...]” (Raimundo Brasil – Presidente da tribo de índios Potiguares, entrevista concedida aos autores na cidade de Natal, em maio de 2013).

De acordo com Gaspar Santos, quando Djalma Maranhão esteve à frente do Executivo Municipal da cidade “tinha chegança, tinha fandango, tinha boi de reis, pastoril [...] teve um tempo que tinha um desfile nas Rocas, na Cidade”¹⁹⁶, e continua, em tom de reclamação e preocupação: “hoje não tem nada, hoje é só aqui na Ribeira, terminou e ‘zefini’¹⁹⁷, você gasta tanto para só um dia” (Gaspar Santos – ex-Presidente da tribo de índios Tupinambás)¹⁹⁸. O depoimento faz coro à fala saudosista de Paulo Lira:

“Que eu me lembre, o maior prefeito que trabalhou com cultura e que gostava de cultura foi o saudoso prefeito Djalma Maranhão, ele entrava dentro dos bambelôs, dentro do carnaval, das tribos de índios, dançava com todo mundo, brincava, esse prefeito era maravilhoso” (Paulo Lira – Presidente da Tribo de Índios Tabajara, entrevista concedida aos autores na cidade de Natal, em maio de 2013).

Corroborando com as informações do carnavalesco as notícias dos jornais locais da época. No jornal *A República*, em 1958, foi noticiado o ensaio geral da tribo Potiguares de “Seu Brasil”, no bairro Rocas, tendo sido convidado o Prefeito de Natal, Djalma Maranhão, e os cronistas especializados:

“Dessa vez é o pagé Brasil que nos diz estar fazendo toda força para servir um caíum à altura da tradição de sua nação indígena. Isso se dará no ensaio geral da tribo, que será realizado às vinte horas de hoje, na Rua Areia Branca, nas Rocas [...] O Prefeito da Capital, a Federação e os Cronistas

¹⁹⁶ “Cidade” é como costumeiramente a população de Natal se refere ao bairro Cidade Alta.

¹⁹⁷ “Zefini” consiste numa corruptela do francês “c’est fini”, cujo significado é o mesmo da frase francesa: acabou, terminou. Tal palavra surgiu com o personagem Bertoldo Brecha (em homenagem ao dramaturgo alemão Bertold Brecht), interpretado pelo saudoso humorista Juvemário Tupinambá, que imortalizou o bordão: “Zefini, tá na boca do Brasil!” (C’est fini, está na boca do Brasil!).

¹⁹⁸ Entrevista concedida aos autores na cidade de Natal, em maio de 2013.

especializados foram convidados. Vai haver uma demonstração de todas as danças dos famosos Potiguares”¹⁹⁹.

O prefeito Djalma Maranhão tinha um apreço especial pelas tribos de índios carnavalescas. Após a importante visita aos Potiguares, no dia seguinte, o político participou do “cauim” oferecido pela tribo de índios Guaranys, que homenageou o “pai branco”, como era chamado o prefeito natalense:

“Na Ocara, à av. Alexandrino de Alencar, cruzamento com a Rua Jaguarari, o Pagé Bum Bum extrai raízes de plantas medicinais e prepara, com um álcool proveniente da erva cidreira, uma bebida que se constitui segredo da tribo há mais de duzentos anos [...] Essa oferenda, que é feita anualmente ao “Pai Branco”, já se tornou uma tradição na vida da tribo e do Carnaval natalense. [...] Foram convidados especialmente para assistir a essa cerimônia, componentes da Federação Carnavalesca e os Cronistas”²⁰⁰.

As manifestações culturais e o folclore natalense eram muito expressivos em meados do século passado, subvencionados pela Prefeitura de Natal, sobretudo no governo do prefeito Djalma Maranhão, como nos lembrou o carnavalesco Raimundo Brasil. No expediente de 31.01.1959, *A República* realizou um balanço dos três anos de administração do político, tendo sido relatados os festivais folclóricos promovidos ininterruptamente nos anos de sua gestão – de 1956 a 1959. O jornal ainda lembrou o “fandango, lapinha, pastoril, boi calemba, chegada, bambelô, congo e cavallhada” que eram apresentados em praça pública e no Teatro Alberto Maranhão. Conforme o expediente, um outro motivo de atração turística, a exemplo dos folguedos, foi o “carnaval natalense considerado, pela imprensa do Sul como o terceiro maior Carnaval do Brasil”²⁰¹.

O carnaval de Natal pós-1960 continuou a ser realizado, porém não com a mesma veemência daqueles entre as décadas de 1950 e 1960. No lugar das “batalhas

¹⁹⁹ *A República* de 05.02.1958.

²⁰⁰ *A República* de 06.02.1958.

²⁰¹ *A República* de 31.01.1959.

carnavalescas”, o Executivo Municipal, em parceria com empresas locais, passou a promover ensaios gerais com os blocos carnavalescos. Na prévia carnavalesca de 1979 a Prefeitura de Natal realizou o precedente carnavalesco “Carnaval dos Carnavais”, que contou com a presença das escolas de samba, já em grande número, na capital potiguar – quinze ao total e três tribos de índios carnavalescas²⁰².

É interessante notar que a partir do final dos anos 1970 as escolas de samba prosperaram em número de agremiações. É provável que esta ocorrência se deva ao foco dado a elas, principalmente pela transmissão dos desfiles do Rio de Janeiro, a partir de meados daquela década. Ferreira (2004) considera que a partir dos anos 1940 vários grupos carnavalescos começaram a se organizar pelo Brasil nos moldes das escolas de samba cariocas, e pondera: “será a partir da década de 1960 que a difusão do carnaval ao estilo da “Capital do Samba” tomará de roldão quase todas as cidades importantes do país” (FERREIRA, 2004, p. 373).

Na década de 1980, quando muitos discorriam sobre o declínio do carnaval da capital potiguar, constatamos uma efervescência da festa do Rei Momo. No ano de 1984, foi realizado o já tradicional “Carnaval da Saudade”, que antecedia as festas carnavalescas, contando com a presença das escolas de samba, das tribos de índios, dos trios elétricos²⁰³.

O grave acidente²⁰⁴ envolvendo integrantes do bloco “Puxa-Saco”, que resultou no óbito de vários foliões, foi considerado pela imprensa e população como o suposto motivo para o declínio do carnaval em Natal. O Jornal *O Poti* trouxe a notícia estampada em sua primeira página e anunciou que a programação do carnaval natalense para aquele ano, provavelmente, seria cancelada²⁰⁵.

²⁰² *O Poti* de 04.01.1979.

²⁰³ *Diário de Natal* de 21.02.1984.

²⁰⁴ O acidente ficou conhecido como a “Tragédia do Baldo”, sendo causado por um ônibus da empresa Guanabara, que atropelou 19 pessoas e deixou outras 11 gravemente feridas; quando estas passavam por debaixo do viaduto do Baldo.

²⁰⁵ *O Poti* de 26.02.1984.

Não obstante o luto oficial em virtude das mortes, os festejos continuaram e foi decidido pelo então prefeito Formiga que haveria a folia momesca na cidade²⁰⁶, tendo sido montado o “palco” na Avenida Presidente Bandeira, no bairro Alecrim.

A década de 1980 foi, ainda, o marco da inserção dos trios elétricos no carnaval do Rio Grande do Norte, iniciando uma nova fase da festividade no estado. No ano de 1986 o prefeito natalense Garibaldi Alves “revolucionou” o carnaval ao trazer para a cidade a principal referência do carnaval baiano: o trio elétrico de Dodô e Osmar²⁰⁷, que animou os festejos. A euforia do carnaval daquele ano foi tão grande que o jornal *Tribuna do Norte* publicou a seguinte nota:

“Esquecido pelo poder público há mais de uma década, o carnaval de Natal ressurgiu com todas as forças, este ano, nas ruas. A presença do trio elétrico de ‘Dodô e Osmar’ no chamado ‘Corredor da Alegria’ traz de volta à avenida o povo e o ritmo quente do samba e do frevo. O enterro do carnaval natalense coincidiu com os anos de prefeitos biônicos da cidade. Em contrapartida a folia das elites crescia nos clubes, nos bailes ‘privés’, nas praias frequentadas pelos mais sofisticados. Este ano, por determinação do Prefeito Garibaldi Filho, o carnaval volta a ser a festa do povo”²⁰⁸.

Muito embora não possamos determinar que a folia momesca na capital potiguar de 1986 foi um divisor de águas como apregoa o jornal supracitado, é fato que a vinda da concepção baiana de carnaval somou-se às outras formas de “brincar”, tendo sido bem aceita pelo público.

Atualmente, durante o carnaval, Natal pode ser considerada uma cidade-festiva, na medida em que produz símbolos voltados para o mercado globalizado do divertimento e do lazer, em um contexto de “festa-mercadoria” (SERPA, 2007). Esse moderno sistema de produção cultural tem como uma de suas finalidades manter a

²⁰⁶ *Diário de Natal* de 29.02.1984

²⁰⁷ Dodô e Osmar animaram o carnaval natalense nos quatro dias de festa do ano de 1986.

²⁰⁸ *Tribuna do Norte* de 09.02.1986.

função de produção e distribuição de mercadorias²⁰⁹, mas, também, de proporcionar momentos de diversão, encontro e sociabilidade. Aí reside uma das contradições da festa carnavalesca.

O carnaval natalense, hodiernamente, congrega, na festa momesca institucionalizada – chamado de “Carnaval Multicultural” –, uma folia “modernizada”, com a presença de artistas locais e nacionais, nos mais variados polos carnavalescos: Ponta Negra (bairro Ponta Negra – zona sul), Centro Histórico (bairro Cidade Alta – centro), Redinha (bairro Redinha – zona norte), Rocas (bairro Rocas – zona leste) e Atheneu (bairro Petrópolis – zona leste)²¹⁰, e uma folia “tradicional”, com o desfile carnavalesco que ocorre no polo Ribeira (bairro Ribeira – zona leste) e o préstito dos inúmeros blocos pelos diversos polos, subvencionados ou não pelo Poder Público.

Percebendo o carnaval como um evento ritual, verificamos que nestes momentos de festividades visualizamos o fenômeno como agrupamentos humanos espontâneos, que dialogam e tensionam com outros inúmeros agentes que compõem o mundo social e estabelecem relações intermediadas pelos processos culturais.

É neste sentido que concordamos com Patrícia Vargas Lopes de Araújo (2011) ao afirmar que o carnaval é possível verificar a presença na noção de hierarquização da vida social. Tal como ocorria com a prática do entrudo no final do século XIX e início do século XX, após a institucionalização do carnaval em Natal,

²⁰⁹ “A cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, uma transmissão de sistemas de modelização, mas é também uma maneira de as elites capitalísticas exporem o que eu chamaria de um mercado geral de poder [...] Um poder não apenas sobre os objetos culturais, ou sobre as possibilidades de manipulá-los e criar algo, mas também um poder de atribuir a si os objetos culturais como signo distintivo na relação social com os outros” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.27).

²¹⁰ Dentre os artistas nacionais que se apresentaram no carnaval 2016, destacam-se: Armandinho, Alceu Valença, Moraes Moreira, Elba Ramalho, Margareth Menezes, Monobloco, Baby do Brasil e Negoinho da Beija-Flor. Já os artistas locais, podemos mencionar: Krystal, Banda Detroit, Banda Alporriá, Banda Grafith, Nara Costa, Rodolfo Amaral, Luna Hesse, Valéria Oliveira e Debinha Ramos.

algumas formas prevalecem sobre as outras: blocos de elites, depois, escolas de samba, posteriormente, trios elétricos e, por fim, megapalcos.

Nos ensaios ou no préstito nos dias de momo, todos se relacionam com o espaço e a partir dele, exercendo sociabilidades mediadas por vínculos de amizade, parentesco, vizinhança, produzindo e reforçando identidades sociais e, porque não dizer, territoriais. A representação dramática das manifestações culturais ultrapassa a própria performance corporal e manifesta um ritual mais amplo, que envolve inúmeros agentes em um sistema espacial que abarca várias territorialidades, em um foco multiescalar e multidimensional, que envolve diálogos e conflitos.

Considerações Finais

O carnaval de Natal sempre promoveu distintas ocasiões para se divertir, seja enquanto um festejo que reúne amigos em blocos para “as batalhas carnavalescas” nas ruas e nos bailes, seja com os “tradicionais” desfiles ou, ainda, com os “modernos” trios elétricos e megaeventos em grandes palcos montados para shows. Com o passar do tempo e, sobretudo, atualmente, a folia potiguar tomou outras proporções, agregando, aos desfiles de blocos e agremiações, novas maneiras de festejar. Sem querer entrar no debate da lógica do capital – dentro de uma visão maniqueísta e essencializada – que permeia a festa, acreditamos que o atual “carnaval espetacularizado” coexiste com as antigas brincadeiras de ruas e os préstitos institucionalizados da folia momesca.

Em outros termos e com outras configurações, nos meandros do carnaval-espetáculo atual ainda encontramos as antigas batalhas e desfiles. Para além da forte presença do carnaval-espetáculo no Rio Grande do Norte e, mais especificamente, em Natal, verifica-se a existência destas outras formas de manifestações culturais. Algumas delas contam com a iniciativa do poder público, como é o caso do carnaval

tradicional da Ribeira. Outras surgem a partir das iniciativas da própria população, com ou sem subvenção estatal, a exemplo dos grupos e blocos idealizados por famílias em suas ruas e bairros.

Neste sentido, não podemos concordar com o julgamento de que houve um declínio do carnaval natalense, em detrimento de outras festividades que ocorrem no interior do estado e nas praias. Na verdade, vislumbramos uma maior facilidade de deslocamento para essas localidades, bem como o aumento dos investimentos públicos e privados em festas nas cidades interioranas do Rio Grande do Norte, o que permite melhor infraestrutura e a contratação de grupos musicais com grande aceitação pela população. Contudo, a folia momesca natalense e, sobretudo, o desfile das escolas de samba e tribos de índios que dela fazem parte, persistem em sua coexistência com o modelo “espetacularizado”, rememorando a tradição dos corsos e dos desfiles que acompanham a história do carnaval natalense.

O carnaval em Natal sugere uma leitura do cotidiano a partir dos grupos citadinos, sejam menos ou mais abastados. Blocos e agremiações desfilam pela cidade, bandas realizam shows nos diversos palcos espalhados pela cidade, possibilitando a coexistência de variadas formas de festejo e o diálogo dos segmentos sociais que compõem a estrutura da sociedade.

Da prática carnavalesca emerge, pois, o sentimento de pertencimento ao grupo, calcado na vicinalidade e nas sociabilidades geradas, tecendo condições que possibilitam uma tríplice função enunciativa: é um processo de apropriação, e é ao mesmo tempo uma realização espacial do lugar que implica relações culturais, sociais, políticas, econômicas e simbólicas. Estes grupos carnavalescos, através de suas táticas cotidianas, atualizam as continuidades, transformações e resistências e existências no tempo da folia.

Referências

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Os festejos de entrudo no século XIX. *In: Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, nov. 2011. p. 41-55.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRJ, 1994.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1881 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Apresentação. *In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). Carnavais e outras frestas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: EdUNICAMP, 2002. p. 11-26.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DOZENA, Alessandro. **A geografia do samba na cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora PoliSaber, 2009.

EFEGÊ, Jota. **Figuras e coisas do carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOLDWASSER, Maria Júlia. **O palácio do samba: estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GONÇALVES, Renata de Sá. **Os ranchos pedem passagem: o carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 2010.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEDREIRA, Flávia de Sá. **Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal 1920-1945.** (Tese de Doutorado). Universidade de Campinas, 2004.

_____. **Chiclete eu misturo com banana.** Natal: EdUFRN, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais.** São Paulo: Ática, 1986.

SERPA, Angelo. Cultura de massa versus cultura popular na cidade do espetáculo e da “retradicionização”. In: **Espaço e Cultura.** n. 22. Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, jan/dez, 2007.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas.** Uberlândia: EdUFU, 2008.